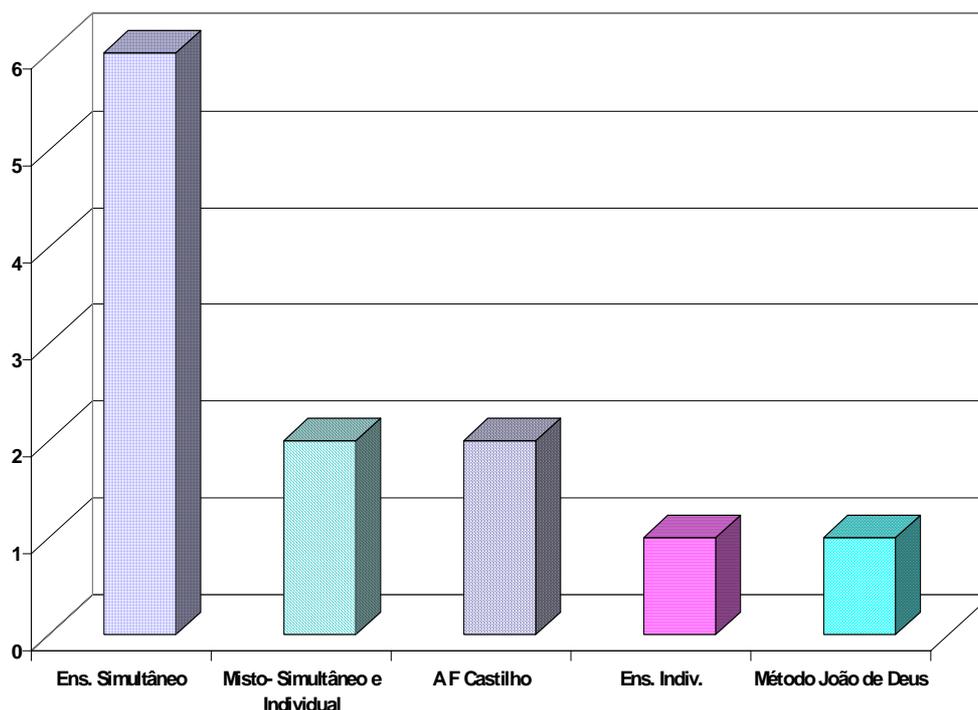


2. Didáticas e Professores – Práticas e Concepções Pedagógicas

Tomando como referência as declarações prestadas pelos professores ao Administrador do Concelho, em causa do Ofício Circular n.º 487, de 30 de Outubro de 1880, obtiveram-se as seguintes informações:

Gráfico n.º 6 – Modos de ensino utilizados pelos professores do concelho de Maфра no ano lectivo de 1879 – 1880



Fonte: A.H.M.M. – *Of. e Cir. de Várias Escolas do Concelho de Maфра - Freg. do Concelho de Maфра - Séc. XIX -C. P 6 – E-28/ Declarações Prestadas pelos Professores ao Administrador do Concelho – Ofício Circ. n.º 487, de 30 de Outubro*

Legenda convencionalada:

Ens. Simultâneo – Ensino Simultâneo

Misto – Simultâneo e Individual – Modo de ensino Misto (Simultâneo e Individual)

A. F. Castilho – Modo de Ensino Repentino ou o Método de Ensino de António Feliciano de Castilho

Método de João de Deus – Método de João de Deus (Cartilha Maternal).

Pelo gráfico *supra* confirma-se que o Modo de ensino Simultâneo foi o mais utilizado pelos professores do Concelho de Maфра, nos anos oitenta do século XIX. O modo Misto (ensino Individual e Simultâneo) era utilizado por dois professores e justificado pelo facto de os alunos utilizarem diferentes manuais escolares, sugerindo

que estes tinham um papel de relevo no desenvolvimento escolar, possibilitando modos de ensino diferenciados. Ambas as classes não ultrapassam o número 20 de discípulos.

O Método de João de Deus iniciava a sua difusão no Concelho de Mafra, sendo utilizado pelos professores das escolas do sexo masculino, a Escola Real de Mafra e, na Freguesia da Ericeira, na classe de meninos regida pelo professor Luís Manuel Viera. Ambas as escolas estavam implementadas em Freguesias urbanas, sendo constituídas por classes numerosas.

O Modo de ensino Individual era utilizado pelo professor da Freguesia de Igreja Nova, que regia uma classe com reduzido número de alunos e constituída somente por duas classes iniciais de aprendizagem.¹

O Modo de ensino Simultâneo e o Método Repentino da Leitura de A. F. de Castilho eram utilizados em turmas distintas e em classes de diferente natureza, tendo em comum a regência de professoras.

Na Freguesia e Lugar da Enxara do Bispo, encontramos uma classe numerosa, com duas divisões iniciais de aprendizagem e, embora estivesse destinada ao ensino das meninas, verifica-se que funcionava em regime misto. Na Freguesia de Mafra, regista-se um grupo menor de alunas, sendo a classe constituída por três divisões de ensino.

O rei D. Pedro V (1855) referia que o problema da instrução pública não estava centrado nos métodos de ensino ou na substituição sucessiva de um sistema de ensino por outro, mas na questão de «utilidade prática» e de «princípios» comprometidos «por um vão teorismo comunicado à vida pública» (*Escritos de D. Pedro V*, Vol. V: 177-178)².

**Quadro n.º 8 – Modos e Métodos de ensino utilizados pelos professores no
Concelho de Mafra**

Freguesias			Modos/ Métodos	Alunos		Rácio		N.º Divisões de ensino na Classe	Formação dos Professores		Forma de Provimento	
				Média Etária	♂	♀	♂		♀	♂	♀	♂
Próximas - 5km	Sede	Distanciadas + 5km		♂	♀	♂	♀		♂	♀	♂	♀
-----	Mafra	-----	Simult./ João de Deus	9,7		84		3	Normalista 1º/2ºGrau	---	E.R.M.	---
-----		-----	Simult./ Repentino Leitura		7,9		29	3	---	Normalista 1ºGrau	---	Interina
-----		Alcainça Malveira	Simultâneo	11	8,5	18	16	3	Exame Estado	---	Interino	---
-----		Azueira	Simultâneo	7,8			42	3	Exame Estado	---	Interino	
-----					8		64		-----	Exame Estado	---	Vitalícia
-----		Carvoeira	Simultâneo	10,5		8		3	Normalista	---	Vitalício	
-----		Encarnação	Misto Simult./ Individual	8,6		18		3	Exame Estado	---	Temporário	---
-----		Enx.ª Bispo	Simultâneo	7,8	7	32	4	3	Pároco	---	Interino	
-----				Simult./ Repentino Leitura	8,5	9,5	10	36	2	---	Exame Estado	---
-----		Ericeira	Simult./João de Deus	10		80		3	Exame Estado	---	Vitalício	---
-----	Gradil	Misto	8,4		20		3	Exame Estado	---	Vitalício	---	
Igreja Nova	-----	Individual / Soletado	10,5		8		2	Exame Estado	---	Interino	---	

Fonte: A.H.M.M. – *Of. e Cir. das Escolas do Concelho de Mafra* - Relação de Alunos/ Resposta ao *Questionário* de várias Escolas dirigidos ao Administrador do Concelho - Of. Circ. - 30-10-1880 - C. P. 4 - E – 28

O Manual escolar

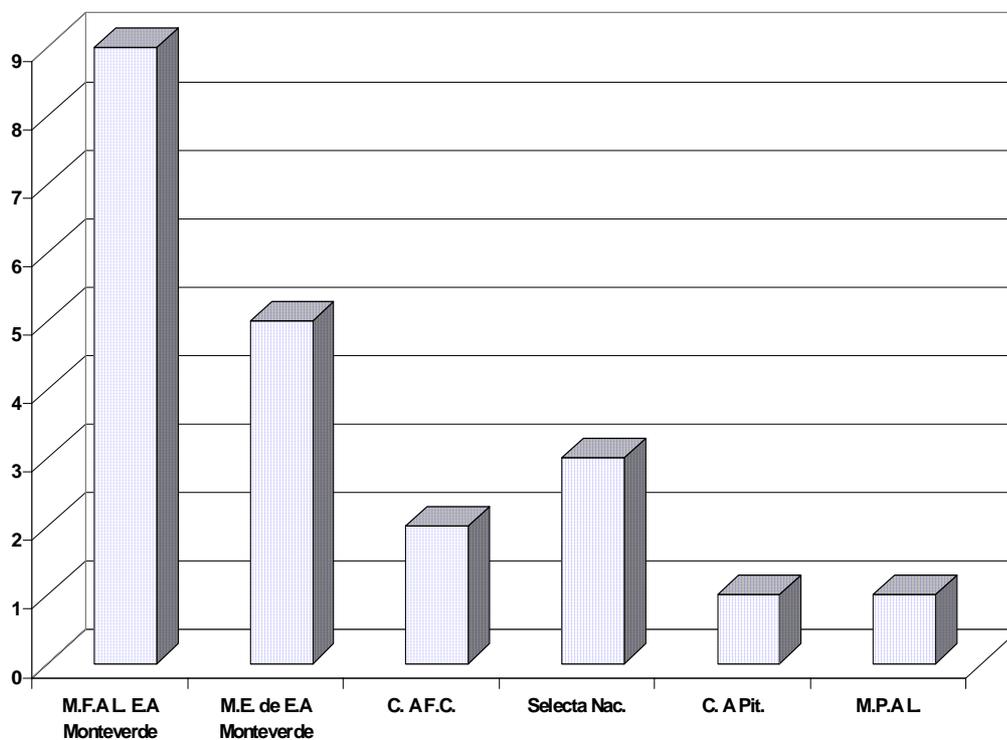
«Quando eu digo:- o livro é indispensável para a leitura, e a leitura é o principal objecto do ensino – afirmo duas coisas; a primeira, que o livro é indispensável para a leitura, a segunda, que a leitura é o principal objecto do ensino. Ora d’ estas duas afirmações, d’ estes dois princípios, posso eu tirar uma consequencia, e é – que todo o estudante precisa d’ um livro. Esta consequencia tem o nome de – raciocínio.»

José Quintino Travassos Lopes (1897)

O manual escolar tem um papel central no ensino, quer para o professor, que o utiliza como suporte principal na prática pedagógica, quer para os alunos, que por ele consolidam a sua aprendizagem escolar.

Tendo acesso a várias fontes que nos elucidam sobre os livros mais utilizados no Concelho de Mafra, desenvolvemos o levantamento que se segue:

Gráfico n.º 7 – Manuais Escolares utilizados pelos professores – ano de 1880



Fonte: A.H.M.M. – *Of. e Circ. das várias Escolas do Concelho de Mafra* – Caixa P.4 – E 28/ 1

Legenda convencionada:

M.F.A.L.E.A. Monteverde – *Método Fácilimo para Aprender a Ler* de Emílio Aquiles Monteverde

M.E. de E. A. Monteverde – *Manual Enciclopédico* de Emílio Aquiles Monteverde

C.A.F.F.C. – *Cartilha de Leitura* de António Feliciano de Castilho

Selecta Nac. – *Selecta Nacional* de Caldas Aulete

C. A. Pit. – *Cartilha de Leitura* do Arquivo Pitoresco

M.P.A.L. – *Método Prático para Aprender a Ler* de Carlos Silva.

Os manuais escolares mais utilizados pelos professores do Concelho de Mafra, no ano de 1880, eram do autor Emílio Aquiles Monteverde, o *Método Fácilimo para Aprender Ler* e, para os mais adiantados, o *Manual Enciclopédico*.

As classes iniciais de aprendizagem e o Manual Escolar de Emílio Aquiles Monteverde

Quadro n.º 9 – Método Facílmo Para Aprender a Ler – Emílio Aquiles Monteverde

Manual de:	Autor	Adoptado	Temática e metodologia	Editora /Formato /Cota
MÉTODO FACÍLMO PARA APRENDER A LER Décima Sexta Edição / Aprovada pelo Conselho Superior de Instrução Pública Ano de 1899	EMILIO ACHILLES MONTEVERDE	MÉTODO FACÍLMO PARA APRENDER A LER tanto A LETRA REDONDA COMO MANUSCRITA NO MAIS CURTO ESPAÇO POSSIVEL	Diversos modos de ensino: O ensino individual; O ensino simultâneo; O ensino mútuo. O Alfabeto/letras /letra impressa e manuscrita; Divisão silábica; Regras de leitura. (p. 39) Resumo da Doutrina Cristã/ Oração Dominical. Mimo á Infancia ou Manual de Historia Sagrada. (ornado com 100 estampas representando os principais sucessos no Velho e Novo Testamento). Moral e Religião Cristã. (P. 55)	Livraria Central de Gomes de Carvalho, Editor, 158, Rua da Prata, 160, Lisboa. (15,5cm comp. / 10,5cm larg.) Cota : n.º 4626 A. 15P. 1ª A ano de 1899

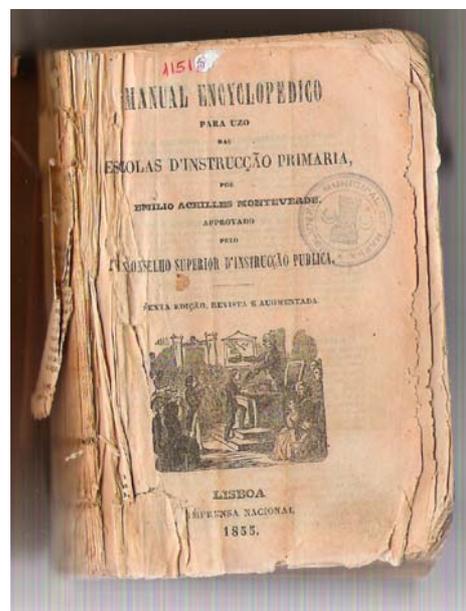
Fonte: B.A.H./ E.S.E. – João de Deus – *Manuais Escolares* – Cota : n.º 4626 – 15P. 1ª A – 1899

O Manual Enciclopédico de Emílio Aquiles Monteverde

O *Manual Enciclopédico* de Emílio Aquiles Monteverde estava aprovado pelo Conselho Superior de Instrução Pública.

No arquivo da Biblioteca Municipal de Mafra existem alguns exemplares da sexta edição, revista e aumentada, do ano de 1855.

Este pequeno manual, com 16 centímetros altura, por dez e meio de largura, contrasta em dimensão com a vasta matéria de estudos contida, uma verdadeira enciclopédia de bolso que, de fácil acesso e transporte, pode acompanhar facilmente o discípulo que o utiliza.



A obra encontra-se organizada em duas partes e estrutura-se em vários capítulos que por sua vez, se dividem em sub capítulos e, englobam uma vasta e extensa matéria de estudos, a saber: na parte primeira, o **primeiro capítulo** é dedicado aos princípios gerais de **Moral**.

O ensino da moral liga-se à ideia do dever que compreende os «deveres para com Deus», do «homem para consigo mesmo», «para com os semelhantes» e «superiores» (pais, membros ascendentes, ministros da religião, magistrados, autoridades civis, ou particulares, mestres ou mestras e finalmente as pessoas idosas). Os «deveres geraes» são comuns a todas as condições sociais, que se estruturam na ordem hierárquica composta pelos «inferiores», os «iguales» e os «superiores».

O estudo da **Religião**, que é definida como a «ideia» que se faz de Deus (os deveres a que ela obriga quer no culto quer em cerimónias litúrgicas). A religião é o meio de tornar os «homens felizes» e «pacientes» para suportar a adversidade na vida, tornando o homem virtuoso e «caridoso» para com o seu semelhante. Estuda-se o Monoteísmo, e as várias confissões religiosas no Mundo: o Judaísmo e o nascimento das várias igrejas da Cristandade (a Católica, Grega ou Oriental, o Protestantismo), a religião do Islão. Segue - se o estudo do Politeísmo.

A História Sagrada é composta pelo *Velho* e pelo *Novo Testamentos*.

As **Línguas e sua Derivação**, começando o autor por definir a língua como a «comunicação dos pensamentos através das palavras», fazendo ainda a distinção entre as «línguas antigas ou mortas» e as «línguas vivas».

No final de cada área de estudo, um pequeno exame que se compõe de perguntas e respostas a serem memorizadas pelo discípulo.

No tocante à **Gramática Portuguesa** ou a «sciencia do conhecimento das palavras» através dos «elementos das linguas», o estudo constitui-se através da divisão em quatro áreas: a Etimologia (a classificação das palavras – nomes, substantivos e adjectivos, artigos, pronomes, verbos e conjugações, advérbios, preposições e conjunções); a Sintaxe (a constituição ou construção das palavras e frases), a Prosódia ou Ortologia (os aspectos da pronúncia das palavras e a acentuação das sílabas) e a Ortografia (regras da boa escrita e a pontuação).

A **Aritmética**, que se enquadra na «primeira parte das matemáticas», é a «sciencia dos numeros, ou arte de calcular».

Começa por tratar a unidade, a quantidade ou grandeza, os números inteiros, mistos ou fraccionários, fracções ou quebrado, número abstracto e concreto, o dígito simples e

compostos, números pares e ímpares, complexos ou heterogéneos (no caso de decomposição da hora em minutos e segundos, polegadas, pés, linhas, etc.), incomplexos (espécies de unidades antigas, arratéis, almudes, moios, etc.).

Na segunda fase da aprendizagem, inicia a leitura de números inteiros, em classes de grandeza, e o estudo da numeração romana. Gradualmente, passa-se ao estudo das quatro primeiras operações sobre inteiros – a adição e a subtracção, a multiplicação (em que introduz o estudo da tabuada do Ábaco, de Pitágoras), por último, a operação da divisão, seguindo-se as provas, real e regra de nove. Termina com várias situações problemáticas sobre as quatro operações fundamentais. Em seguida, o estudo das fracções, que se subdividem em ordinárias ou quebradas, e a aprendizagem das quatro operações fundamentais sobre fracções, fracções decimais e resolução de problemas; as Razões (da aritmética e geométricas) e as proporções (equações que indicam a igualdade de duas razões aritméticas), preparam o estudo da regra três simples e composta. Segue-se o estudo de números complexos ou heterogéneos e medidas portuguesas: sólidos ou volumes, medidas secas, líquidos (no caso, estas medidas podiam variar conforme as regiões do Reino), distâncias locais (que se medem de acordo, com o estipulado no Diário do Governo de 21 de Janeiro de 1845). Depois, apresenta a divisão do tempo e o estudo da circunferência; a «pureza» do ouro e a «pureza» da prata. No término da matéria, as quatro operações aritméticas sobre complexos, que continham as medidas já trabalhadas, a resolução de problemas e, finalmente, vários problemas sobre fracções decimais.

O estudo da **Civilidade** (elementos), que é definida pelo autor como a prática de «todas as atenções» para com os semelhantes na **sociedade**, tendo, como finalidade, prevenir más acções e ofensas contra outrem. A civilidade estava assim associada à «boa educação» e à aceitação do “outro”. Um código de regras de conduta que contribuem para o bem-estar comum. A educação social devia ser ministrada desde tenra idade, logo que a «razão da creança começa a despontar». A virtude social apela à educação Moral. Estuda-se a decência e o asseio (higiene), recomendando ao discípulo, atitudes ou condutas a tomar nos actos cerimoniais, em encontros casuais nas saídas recreativas (passeios), nas visitas entre familiares e desconhecidos, nos jogos, prendas e artes de recreio, a compostura em lugares públicos, na alimentação (formas de comportamento nas refeições e uso apropriado dos utensílios auxiliares da alimentação), na conversação (apontando vícios e defeitos, tratamento familiar e cerimonioso,

discussão e respeito), regras do cumprimento, escrita de cartas, participação em comunhões festivas (casamentos e baptizados) e em situações fúnebres.

A **Segunda Parte** do manual dedica-se à **Geometria** que, partindo da etimologia grega, representa a «arte de medir a terra». Segue-se o estudo de superfície, dos ângulos, figuras e formas geométricas.

As «**Belas Artes**» ou **estudo do Desenho**, definido como «a arte de imitar, por meio de traços e de claro-escuro, a figura ou forma dos objectos que se oferecem á... vista». Várias áreas de estudo são abordadas desde a sua origem, como: a pintura, a escultura, a gravura, a arquitectura e a música. No término de cada matéria, (re)toma o pequeno resumo para ser exposto no exame.

O estudo da **Geografia**, entendida como a «sciencia» que compreende «três pontos de vista principaes», a saber: «- a Geographia astronomica ou mathematica; - a Geographia physica ou natural e a Geographia politica ou historica» (Monteverde, 1855: 378).

Cada área da geografia centra-se em diversos objectos/ conteúdos científicos. Relativamente ao 1.º domínio (Geografia Astronómica e Matemática), ressalvam-se o estudo da Terra no Sistema Solar, o eixo, latitude e longitude, graus e meridianos, zonas terrestres, etc.. O 2.º domínio foca temáticas, como a constituição do planeta Terra (Continentes e população) e suas propriedades (noção de Natureza). No terceiro domínio, estuda-se a divisão geográfica e humana da Terra (impérios, reinos, repúblicas, cidades ou capitais, população, riqueza natural e produção, clima, religiões, etc.). Compreende, ainda, a História das Civilizações Antigas e o estudo dos Estados modernos.

A matemática e a história têm um contributo especial no estudo da **Cronologia cabendo à matemática**, fazer a divisão do tempo e, à história, fazer a sequência dos acontecimentos no tempo.

O estudo da **cronologia** antecede o estudo da **História**, que se define como «um quadro que oferece a nossos olhos a perspectiva dos séculos passados». Refere ainda que é na história «que se pode estudar succesivamente» a fundação dos impérios, das nações, seus progressos e decadência. Uma disciplina que se compõe de uma infinidade de ciências (a Geografia, a Cronologia, a Ciência da Antiguidade e a Arqueologia).

A **História de Portugal** (resumo) inicia-se com o período anterior à Fundação do Reino e termina com a sucessão das dinastias, compreendendo: a 1.ª Dinastia (1139-1383), 2.ª Dinastia (1383-1580), «o período de domínio Filipino em Portugal é

denominado por 18.º, 19.º e 20.º - reis intrusos – D. Filipe II, III e IV de Castella, e em Portugal I, II e III» e a 3ª Dinastia (1640 a 1856) que termina com o falecimento recente de D. Maria II, a regência de seu marido, D. Fernando «durante a menoridade de seu Excelso Filho El Rei o Senhor D. Pedro V, cujos sublimes dotes, raro talento e variada instrução promettem a Seus leaes subditos um venturoso e esclarecido reinado» (Monteverde, 1855: 650).

Focam-se, ainda, as **Ordens Militares portuguesas**, existentes e extintas; a relação cronológica das Navegações, os **Descobrimentos** e as conquistas portuguesas; a Literatura portuguesa e os principais **Clássicos portugueses**.

Noções gerais de **Física** ou «a sciencia que se occupa dos principios, causas e efeitos naturaes, propriedades dos corpos, movimento e acção reciproca, fenomenos do ceo e da terra. (...) **Chymica**».

O manual termina com um capítulo dedicado à **Mitologia** ou «a explicação da Fabula, isto é, da antiga religião dos Gregos e dos Romanos, ou a historia supposta das divindades do paganismo.»

Quadro n.º 10 – Relação de preços dos manuais escolares – custeados pelo Real Erário – Escola Real de Mafra – anos de 1869 a 1881

Ano	Mês	Dia	Manual	Autor	Quantidade	Preço unitário em Réis	Custo total em Réis
1869	Dezembro	---	<i>Método Facílmo Para Aprender a Ler</i>	E. Aquiles de Monteverde	6	0\$180	1\$080
1871	Fevereiro	20	<i>Compêndio de Moral</i>	-----	4	0\$120	0\$480
«	Junho	26	<i>Compêndio de Agricultura</i>	-----	1	1\$080	1\$080
«	Setembro	30	<i>Método Facílmo Para Aprender a Ler</i>	E. Aquiles de Monteverde	6	0\$200	1\$200
«	Dezembro	26	«	«	4	0\$200	0\$800
1872	Maio	15	«	«	6	0\$256	1\$540
«	-----	--	<i>Manual Enciclopédico</i>	«	12	0\$640	7\$680
1873	Março	24	<i>Compêndio de História de Portugal</i>	A. J. de Vialle	12	0\$316	3\$840
1874	Junho	25	<i>Método Facílmo Para Aprender a Ler</i>	E. Aquiles de Monteverde	6	0\$180	1\$080
«	«	«	<i>Compêndio de Civilidade</i>	Carlos Silva	4	0\$100	0\$400
1877	Janeiro	18	<i>As Primeiras Leituras</i>	João de Deus	1	0\$095	0\$095
1879	-----	--	<i>Cartilha Maternal</i>	João de Deus	2	0\$300	0\$600
1881	Novembro	11	<i>Ramalhetinho da Puerícia</i>	Carlos Silva	6	0\$450	2\$700

Fonte: B.P.N.M. – Lv.1 – E.R.M. – Despesas Diversas – 1867-1881

Os manuais de Aquiles Monteverde tiveram a preferência da maioria dos professores que, durante várias décadas do século XIX, os utilizaram nas escolas do Concelho de Mafra, a avaliar pelo estado de conservação de alguns. Refira-se a nossa

compreensão acerca desta opção, se tivermos em conta que o *Manual Enciclopédico* abrange todas as áreas de ensino emanadas a partir da Reforma de Ensino de 1844 e, com isso, os aspectos da maior economia associados. Perante a vasta oferta de matérias nele contidas, seria desnecessário, quer às famílias, quer aos professores, recorrerem à compra de outros manuais especializados, podendo ser transmitidos de geração em geração ou de irmãos para irmãos numa família numerosa.

Destarte, verifica-se que, em algumas escolas, havia alunos que não utilizavam os mesmos compêndios por condições de pobreza.

Tendo em conta que os métodos de ensino utilizados pelos professores não foram os únicos agentes que concorreram a favor, nos processos de escolarização, indagamos acerca de outros factores que contribuíram para os processos de escolarização locais.

¹ Luís Pereira Dias refere que este modo de ensino era utilizado com os alunos que frequentavam a escola e trabalhavam, ou seja, recebiam a lição individual e saíam para se ocuparem dos trabalhos domésticos (Dias, 2000: 127).

² Cit. in Machado, Augusto Reis, *O Pensamento do Rei D. Pedro V*, Lisboa, Livraria Avelar Machado, 1941, p. 110.